

slid. 1969

Tchweka

notas sobre

regiões de

angola



## 1. INTRODUÇÃO

Afigura-se-nos de grande utilidade conhecer o "peso" - demográfico, territorial e económico - de cada uma das regiões político-militares em que o MPLA dividiu Angola, não só por uma questão de interesse puramente teórico, mas também porque permite determinar com mais rigor e detalhe os nossos planos estratégicos.

## 2. DADOS GERAIS SOBRE A SUPERFÍCIE E A POPULAÇÃO

Quanto à sua extensão territorial, as diferentes regiões dispõem-se segundo a seguinte ordem de importância (em números redondos):

1º- III Região .....	400.000 km <sup>2</sup>
2º- IV Região .....	290.000
3º- V Região .....	210.000
4º- VI Região .....	180.000
5º- I Região .....	160.000
6º- II Região .....	7.300

Seb o ponto de vista do "peso" demográfico obtém-se um quadro bastante diferente:

1º- V Região .....	2 130 000 habitantes	... 41,8%
2º- I Região .....	1 110 000	... 21,7%
3º- IV Região .....	730 000	... 14,3%
4º- VI Região .....	660 000	... 13,0%
5º- III Região .....	400 000	... 7,8%
6º- II Região .....	70 000	... 1,4%
	<hr/>	
	5 100 000	100,0%

A V Região é de longe a mais povoada: em cada 10 angolanos, 4 vivem na V Região.

A V e a I Regiões tomadas em conjunto concentram 63,5% da população (3 240 000 habitantes). Factor importante, porque elas são também as de maior "peso" económico, como teremos ocasião de ver.

14% da população que habita Angola (cerca de 710.000 pessoas) vive nas cidades e vilas. Também apresenta inegável interesse ver a repartição dessa população pelas diferentes regiões:



1º-	I Região	415 000 habitantes	....	58,6%
2º-	V Região	230 000 habitantes	....	32,4%
3º-	VI Região	23 000 habitantes	....	3,2%
4º-	IV Região	23 000 habitantes	....	3,2%
5º-	III Região	11 000 habitantes	....	1,5%
6º-	II Região	8 000 habitantes	....	1,1%
		710 000 habitantes		100,0%

Mais de metade da população urbana de Angola habita a I Região, sem dúvida devido a Luanda que, contando cerca de 400.000 habitantes, é mais populosa que todas as outras cidades de Angola reunidas.

Na I e V Regiões vive cerca de 91% da população urbana de Angola. Só Luanda (400.000 hab), Huambo (100.000 hab) e Lobito (80.000 hab) concentram 81% da população urbana.

Um outro aspecto importante é o da percentagem da população urbana em cada uma das regiões, pois que nos dá uma imagem precisa do "grau de urbanização" em cada região.

REGIÃO	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO URBANA	% DA POPULAÇÃO URBANA EM CADA REGIÃO
1º- IR	1 110 000	415 000	37,3%
2º- IIR	70 000	8 000	11,4%
3º- VR	2 130 000	230 000	10,8%
4º- VIR	660 000	23 000	3,5%
5º- IVR	730 000	23 000	3,1%
6º- IIIR	400 000	11 000	2,7%

Mais uma vez sobressai a I Região (em cada 100 pessoas, 37 habitam as cidades e vilas e 63 habitam os campos), seguindo-se-lhe a V Região. A II Região pode ser considerada um caso particular, dada a sua muito fraca população.

As regiões de maior concentração urbana são, duma maneira geral, as mais proletarizadas, as de maior massa alfabetizada e também aquelas em que o número de intelectuais é maior. Estes factores conjugados são de enorme importância na aquisição duma mentalidade revolucionária.



Dos 710.000 individuos que habitam as cidades e vilas de Angola, aproximadamente 500.000 são angolanos e 210.000 europeus. Portanto, dum total de 350.000 europeus (incluindo os 70.000 soldados), 210.000 (ou 60%) são elementos urbanizados.

Desconhecemos a repartição dos 350.000 europeus pelas 6 regiões de Angola, até porque a chegada maciça de soldados portugueses alterou profundamente o antigo quadro. Mas como simples indicativo poderemos utilizar as seguintes cifras:

1º-	I Região	.....	150.000	.....	42,8%
2º-	V Região	.....	95.000	.....	27,1%
3º-	III Região	.....	30.000	.....	8,6%
4º-	IV Região	.....	30.000	.....	8,6%
5º-	VI Região	.....	30.000	.....	8,6%
6º-	II Região	.....	15.000	.....	4,3%
			<u>350.000</u>	.....	<u>100,0%</u>

### 3. O "PESO" ECONÓMICO DE CADA REGIÃO

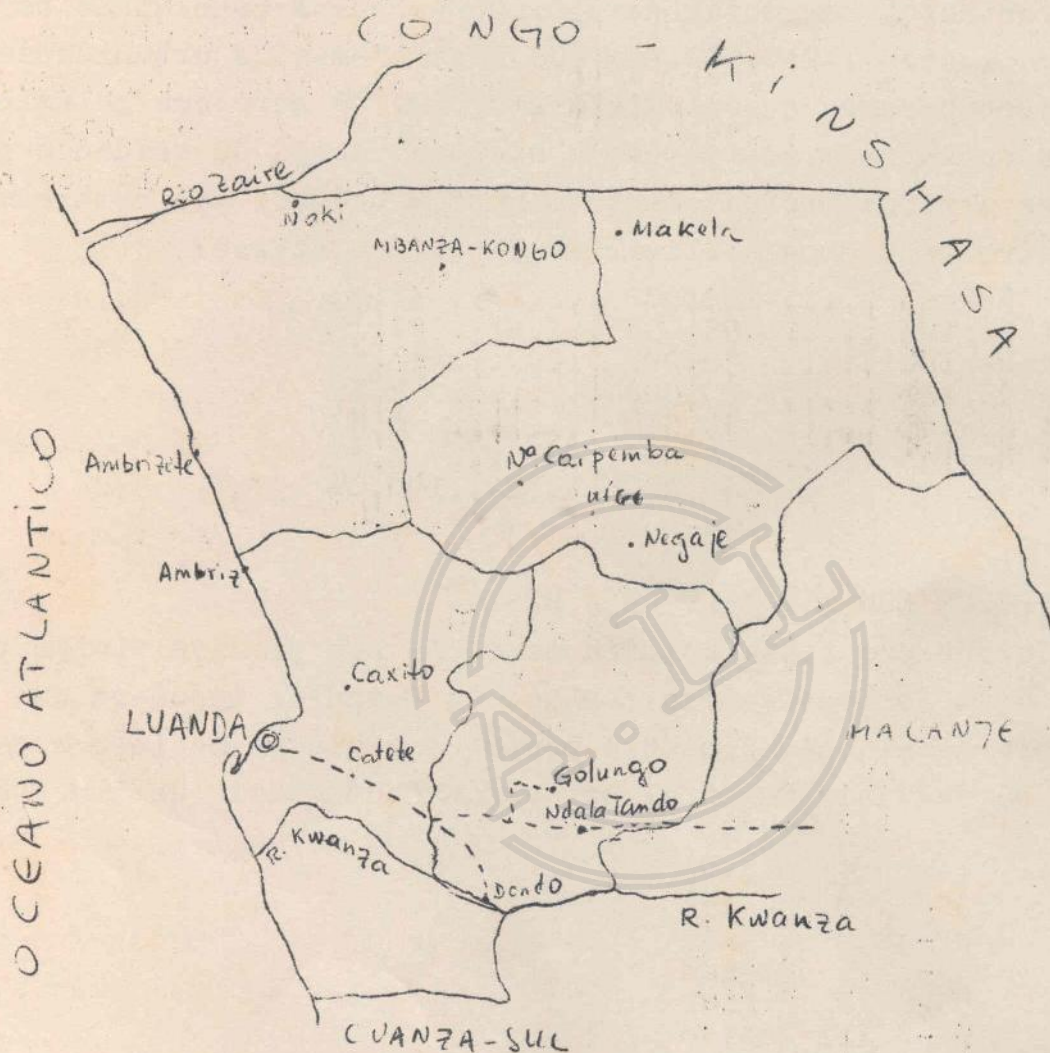
A exposição feita anteriormente já nos permite vislumbrar o "peso" económico de cada região. No entanto, impõe-se uma análise mais detalhada. Sob este ponto de vista as regiões escalam-se da seguinte maneira, por ordem decrescente de importância:

1º-	I	Região
2º-	V	Região
3º-	IV	Região
4º-	VI	Região
5º-	II	Região
6º-	III	Região

Naturalmente que esta disposição se refere ao grau de exploração actual e não às potencialidades a movimentar de futuro. Assim, na Angola independente esta ordem pode alterar-se profundamente. Aliás um dos objectivos do desenvolvimento democrático e planificado da economia consiste precisamente em eliminar as desproporções na valorização das várias regiões e portanto a fomentar um desenvolvimento harmonioso e equilibrado.



### 3.1 PRIMEIRA REGIÃO



A I Região é o Noroeste de Angola, abrangendo os distritos de Luanda, Uíge, Cuanza-Norte e Zaire. Do ponto de vista da geografia física, estende-se pelas três principais zonas de relevo de Angola: faixa litoral, zona do litoral e planaltos do interior.

A faixa costeira é quente e húmida ao norte (no distrito do Zaire) e quente e seca ao sul (no distrito de Luanda); a metade norte presta-se, pois, ao cultivo da palmeira e outras espécies do clima tropical húmido, enquanto que a metade sul - bastante árida - é mais conveniente ao cultivo do algodão, com excepção



da área do Kwanza e do Dande, onde a palmeira e a cana-de-açúcar encontram de novo o seu "habitat".

A zona das montanhas reúne todas as condições para o cultivo do café, o primeiro produto de exportação de Angola. Além do Cuanza-Sul (V Região), a I Região é o único grande produtor de café de Angola, o que lhe confere um "peso" económico particular.

A parte leste dos distritos do Uije e Cuanza-Norte já se inscreve na área dos extensos planaltos do "hinterland".

A região é servida por dois rios importantíssimos, o Kwanza e o Zaire, e seus afluentes; além disso, toda uma série de rios costeiros, como o Lukunga, o Mbridje, o Sembo, o Loje, o Lifune, o Dande, o Bengo e o Mengeje, atravessam a região; a parte oriental do distrito do Uije também é sulcada pelos afluentes do Kwango.

Concentremo-nos mais nos aspectos económicos:

a. Agricultura/Cultivo do solo

- c a f é - por volta de 150.000 toneladas; cultiva-se nos distritos de Uije e Cuanza-Norte e ainda nas faixas orientais de Luanda e Zaire.
- a l g o d a ã o - à volta de 2.500 toneladas, cultiva-se na região costeira de Katete.
- c a n a d e a ç ú c a r - à volta de 300.000 toneladas, cultiva-se a 60 km ao norte e sul de Luanda, respectivamente no Dande e na foz do Kwanza (Bom-Jesus).
- ó l e o d e p a l m a - produção desconhecida. Cultiva-se no litoral norte, no Zaire e a norte de Luanda (principais produtores de Angola).
- m a n d i o c a - base da alimentação do Povo nesta região. Produção desconhecida.

b. Agricultura/Pecuária

A criação de gado ou pecuária quase que não é praticada.

c. Agricultura/Silvicultura

A região das montanhas setentrionais (ali onde se cultiva o café) está coberta de florestas. Existem portanto explorações



florestais, sem no entanto atingirem a importância das de Cabinda ou do Moxico.

#### d. Agricultura/Pesca

A I Região é favorecida por uma orla marítima bastante extensa (uns 400km). No entanto a pesca não é particularmente intensa, em parte por não se fazerem mais sentir os efeitos benéficos da corrente fria de Benguela; com excepção de Luanda, onde os colonos possuem pescarias de certa importância, a pesca é praticada pelos Angolanos em moldes artesanais.

#### e. Indústria extractiva

O petróleo de Luanda (1 milhão de toneladas) veio dar uma nova projecção à economia desta região, baseada essencialmente no café. Também foram descobertos lençóis petrolíferos no litoral do Zaire, que já começaram a ser explorados. Em 1963 havia na região de Luanda onze poços em exploração, o que é economicamente quase insignificante, mas que militarmente constituem objectivos ideais para a sabotagem.

De assinalar são também as minas de cobre de Mavojo e Tetelo (Uije), embora praticamente paralisadas, por enquanto. Os imperialistas japoneses pretendem reabri-las.

No distrito do Zaire extrai-se asfalto.

Há jazigos de bauxite (minério de alumínio) na região do Dondo (Cuanza-Norte).

#### f. Indústria transformadora

É na I Região, mais precisamente em Luanda, que se concentra mais de metade da indústria transformadora de Angola: cimento, cerveja e outras bebidas, refinação de petróleo, açúcar, outras indústrias alimentares, construções mecânicas, papel, cigarros, têxteis, artigos de borracha, etc.

A maior parte das instalações industriais estão localizadas fora da cidade, ao longo da estrada de Katete, portanto excelentes alvos para a guerrilha sub-urbana.

#### g. Energia

A barragem de Kambambe (sobre o rio Kwanza), adicionando-se à das Mabubas (sobre o Bengo) veio colocar a I Região no primeiro lu-



gar na produção de energia eléctrica.

Além disso as duas barragens permitem a irrigação de extensas áreas agrícolas dos colonos (como o colonato branco do Vale do Bengo) e o fornecimento de água encanada à cidade de Luanda.

A sabotagem da barragem de Kambambe cortaria a água e luz que abastecem Luanda, paralisaria as actividades industriais e mergulharia os colonos em estado de pânico.

#### h. Transportes e Portos

A I Região é atravessada pelo caminho de ferro de Luanda-Malanje (com ramais para o Dondo e Golungo Alto), que se destina a drenar o café, o minério e outros produtos do "hinterland" e fornecer o interior com produtos do litoral angolano ou do estrangeiro. Como se trata duma linha interna, a sua sabotagem não acarreta nenhuma dificuldade com os países limítrofes.

Há quatro estradas asfaltadas: duas que servem a região do café (uma delas chamada "estrada da Lusodana"), outra seguindo para a cidade do Huambo e atravessando o colonato branco da Cela, e a quarta ligando Luanda a Malanje (não sabemos se já está concluída).

Além disso a I Região é atravessada por inúmeras estradas secundárias e picadas, testemunhos do seu relativo desenvolvimento económico e das crescentes necessidades militares.

Há três portos de mar: Luanda, Ambriz e Ambrizete, mas só o primeiro é acostável. O porto de Luanda é o segundo de Angola; a sua sabotagem, embora difícil, impõe-se.

#### i. Luanda, centro comercial, bancário e administrativo

A capital de Angola é sem dúvida o grande centro comercial, bancário e administrativo. Todos os ataques efectuados contra o aparelho colonial têm aqui muito maior repercussão.

#### j. Luanda, centro escolar

Embora sem dados concretos, pensamos que a I Região seja a mais alfabetizada de Angola. Luanda possui dois liceus, vários colégios secundários, uma escola industrial e outra comercial e ainda os embriões duma universidade. É sabido que todas estas instituições se destinam aos colonos; no entanto, um



facto permanece: a I Região é o maior "foyer" de quadros de Angola.

Podemos resumir tudo o que atrás se disse para tirarmos as conclusões práticas para o momento actual de guerra:

### I. FACTORES DESFAVORÁVEIS

- a) maior concentração do exército colonial
- b) maior concentração de colonos (42,8%)
- c) melhor conhecimento do território por parte dos colonos e do exército
- d) mais estradas
- e) região onde o exército colonial tem mais experiência da guerra
- f) proximidade do mar e do grande porto de Luanda
- g) muitos aeroportos
- h) fronteira com o Congo-Kinshasa
- i) confusão feita pela upa
- j) muitos aeroportos (Luanda é uma base aérea)
- k) longas linhas de abastecimento a partir do exterior (Zambia)

### II. FACTORES FAVORÁVEIS

- a) terreno favorável (montanhas e florestas)
- b) grande número de quadros
- c) população angolana mais experimentada na guerra
- d) a população viveu "na carne" os crimes da upa
- e) a população conhece sobejamente a exploração colonial
- f) proximidade do grande centro que é Luanda
- g) as operações patrióticas têm aí muito maior repercussão

### III. OBJECTIVOS ECONÓMICOS A ATACAR

- a. roças de café
- b. linha férrea
- c. barragens de Kambambe e Mabubas; linhas e postes eléctricos
- d. minas de cobre
- e. poços de petróleo e "pipe-lines" (tubos de transporte do petróleo)
- f. estradas
- g. indústrias transformadoras de Luanda e arredores (incluin-



- do refinarias de açúcar do Dande e "Bom-Jesus")
- h. porto de Luanda e outros portos de mar
- i. linhas e postes telefônicos

3.2 QUINTA REGIÃO





A V Região, que abrange os distritos de Benguela, Huambo, Cuanza-Sul e Bié, é o cãntro-oeste de Angola.

Como a I Região, estende-se também pela faixa costeira (litoral de Benguela e do Cuanza-Sul), região das montanhas (no Cuanza-Sul e na transição de Benguela para o Huambo) e planaltos interiores (Huambo, Bié e leste do Cuanza-Sul).

A faixa costeira é quente e seca; ao sul de Benguela os rios secam no cacimbo; é uma região pouco produtiva, quase árida, excepto ao longo dos rios. Aí - ao longo dos rios - cultiva-se a palmeira, o algodão (Cuanza-Sul) e a cana-de-açúcar (Benguela).

A zona das montanhas é húmida ao norte, no Cuanza-Sul, constituindo assim o prolongamento da região do café; umas 50.000 toneladas são aí produzidas nas roças dos colonos. A parte meridional da zona das montanhas (no distrito de Benguela) presta-se mais a outras culturas, como o milho, o sisal e o tabaco; é aí que está localizada a fábrica de celulose e pasta de papel do Alto-Catumbela.

Os planaltos interiores (divididos pela cadeia de montanhas da linha divisória das águas) oferecem melhores condições em toda a Angola para a cultura de cereais ricos (milho e trigo), altamente mecanizáveis. Os solos são férteis. Não é por acaso que é nos planaltos do Cuanza-Sul que se encontra o maior colonato branco de Angola, a Ceta, e que segundo a visão racista do colonialista Norton de Matos, "Nova Lisboa" deveria ser a capital branca de Angola.

A V Região é ricamente servida pelo rio Kwanza e os seus afluentes da margem esquerda (Kukema, Wambai, Lombe, Gungo, etc.) e por vários rios costeiros em que se destacam o Katumbela e o Keve.

A orla litoral da V Região estende-se por uns 400 km.

#### a. Agricultura/Cultivo do solo

- c a f é - por volta de 50.000 toneladas nas montanhas do Cãanza-Sul.

- s i s a l - à volta de 50.000 toneladas no distrito de Benguela em plantações de colonos.

- m i l h o - é a base da alimentação em toda a região. A V Região é o maior produtor de milho de Angola: umas 150.000 toneladas anuais



- c a n a d e a ç ú c a r - no litoral, na região de Catumbela e do Dombe Grande, à volta de 400.000 toneladas.
- t r i g o - nos distritos de Huambo, Bié e Benguela, à volta de 20.000 toneladas.
- ó l e o d e p a l m a - no litoral do Cuanza-Sul, junto dos rios.
- a l g o d a ã o - no distrito do Cuanza-Sul, nas "baixas" da faixa costeira, à volta de 6.500 toneladas (segundo produtor, depois da Baixa de Kasanje)
- a r r o z - no Bié e no Cuanza-Sul, à volta de 7.000 toneladas

#### b. Agricultura/Pecuária

Depois da VI Região, é na V Região que a criação de gado bovino se pratica mais intensamente, com especial relevo para o distrito do Huambo.

Também adquire uma certa importância a criação de gado suíno (porcos), o que está na base do relativo desenvolvimento da indústria de carnes (enchidos e enlatados) da região.

No Cuanza-Sul, mais especificamente na Cela, os colonos dedicam-se à criação de gado bovino para a produção de leite e derivados. É a Cela que fornece leite à cidade de Luanda e em particular ao exército.

#### c. Agricultura/Silvicultura

Ao longo do CF de Benguela existe uma das maiores plantações de eucalipto do mundo, cuja madeira é utilizada pelas locomotivas do CFB (locomotivas à lenha como no século XVIII!) e especialmente pela fábrica de celulose do Alto-Catumbela.

Além disso há excelentes matas naturais no Cuanza-Sul (região do café), no Huambo e no Bié.

#### d. Agricultura/Pesca

Os 400 quilómetros de orla marítima aliados aos efeitos da corrente fria de Benguela fazem desta região o segundo - e importante - centro de pesca de Angola. Baía Farta, Benguela e Porto Amboim são portos pesqueiros e centros de transformação do pescado em farinha, óleo, conservas e peixe congelado.



A pesca é praticada por empresas de colonos, cada vez mais penetradas por capitais sul-africanos e japoneses.

São extraídas do mar, nesta região, de 70.000 a 180.000 toneladas de pescado por ano.

e. Indústria extractiva

São de assinalar as minas de ferro de Kwima, no Huambo, donde são extraídas umas 200.000 toneladas de minério, que é escoado, pelo ramal de Kwima, para a linha principal do CFB (o ramal deve ser sabotado).

É no Lobito que se encontram as mais importantes salinas de Angola, com uma produção de cerca de 50.000 toneladas de sal.

Parece que a Diamang começou a explorar algumas minas de diamantes no Bié.

f. Indústria transformadora

Depois da I Região, a V Região é o maior centro da indústria transformadora de Angola, concentrada no Lobito, cidade do Huambo (Nova Lisboa), Benguela e Alto-Catumbela: cimento do Lobito, cerveja e indústrias alimentares do Huambo, celulose e pasta de papel do Alto Catumbela, indústrias do pescado de Benguela, açúcar de Catumbela e Bombe Grande, oficinas do CFB do Huambo, construções mecânicas de Benguela, etc.

g. Energia

Também neste capítulo a V Região vem logo após a I Região. No Rio Katumbela situam-se as duas barragens de Biópio e Lomaum que fornecem energia e água ao conjunto de cidades e vilas dos distritos de Benguela e Huambo.

Há ainda pequenas represas de água, como a do rio Ngunza, próximo de "Novo-Redondo".

h. Transportes e Portos

A V Região é servida pelo CF de Benguela, a maior linha férrea de Angola. Infelizmente a situação "geopolítica" da Zâmbia não nos permite ainda tocar na linha. Mas o ramal mineiro de Kwima está à nossa mercê.



Nenhuma região de Angola está tão ligada psicológicamente ao caminho de ferro como a Quinta. Isto traduz um facto bem objectivo: o CFB é o "pulmão económico" da região. Logo que a situação da Zambia o permita, a sabotagem do CFB produzirá portanto efeitos materiais e psicológicos incomensuráveis.

Há ainda a pequena linha férrea do Cuanza-Sul, ligando Porto Amboim a Gabela (120 km), que é também importante por permitir o escoamento do café da rica região do Amboim. Pode ser sabotada a qualquer momento.

A região é atravessada de norte a sul pela estrada asfaltada Luanda- Cella- Cidade do Huambo - Lubango (Sá da Bandeira). Está em construção uma estrada asfaltada Lobito-Bié e em projecto uma outra estrada asfaltada Luanda-Ngunza-Lobito.

A estrada asfaltada Lobito-Catumbela-Benguela, longa de somente 30km, já existe há bastantes anos. É um bom objectivo para a guerrilha sub-urbana, até porque atravessa a região açucareira de Catumbela.

A V Região está bem sulcada por estradas secundárias e picadas.

O porto de Lobito é o mais importante de Angola. Permite o escoamento de produtos argolanos agrícolas e minerais, assim como do cobre da Zambia e do Congo. Da mesma maneira que o CFB não deve ser sabotado por enquanto (pelo menos o cais mineiro), pelas mesmas razões.

Há ainda portos não acostáveis em Benguela, Porto Amboim e Ngunza (Novo-Redondo). Baía Farta é exclusivamente um porto pesqueiro.

#### i. Outros sectores de actividade

A V Região é o segundo foco de concentração de colonos. As suas sete cidades (Huambo, Lobito, Benguela, Bié, Ngunza, Gabela e Ganda) são centros comerciais e administrativos relativamente importantes.

Há quatro liceus, alguns colégios e escolas técnicas, assim como algumas faculdades. É o segundo "foyer" de quadros de Angola.



Conclusões práticas:

I. FACTORES DESFAVORÁVEIS

- a) grande concentração de colonos (27,1%)
- b) grande concentração do exército colonial
- c) muitas estradas e quartéis
- d) a experiência de guerra do Povo data somente da abertura da frente da V Região, e a guerra ainda está pouco generalizada
- e) o CFB não pode ser sabotado por enquanto
- f) proximidade do mar e do grande porto do Lobito
- g) muitos aeroportos

II. FACTORES FAVORÁVEIS

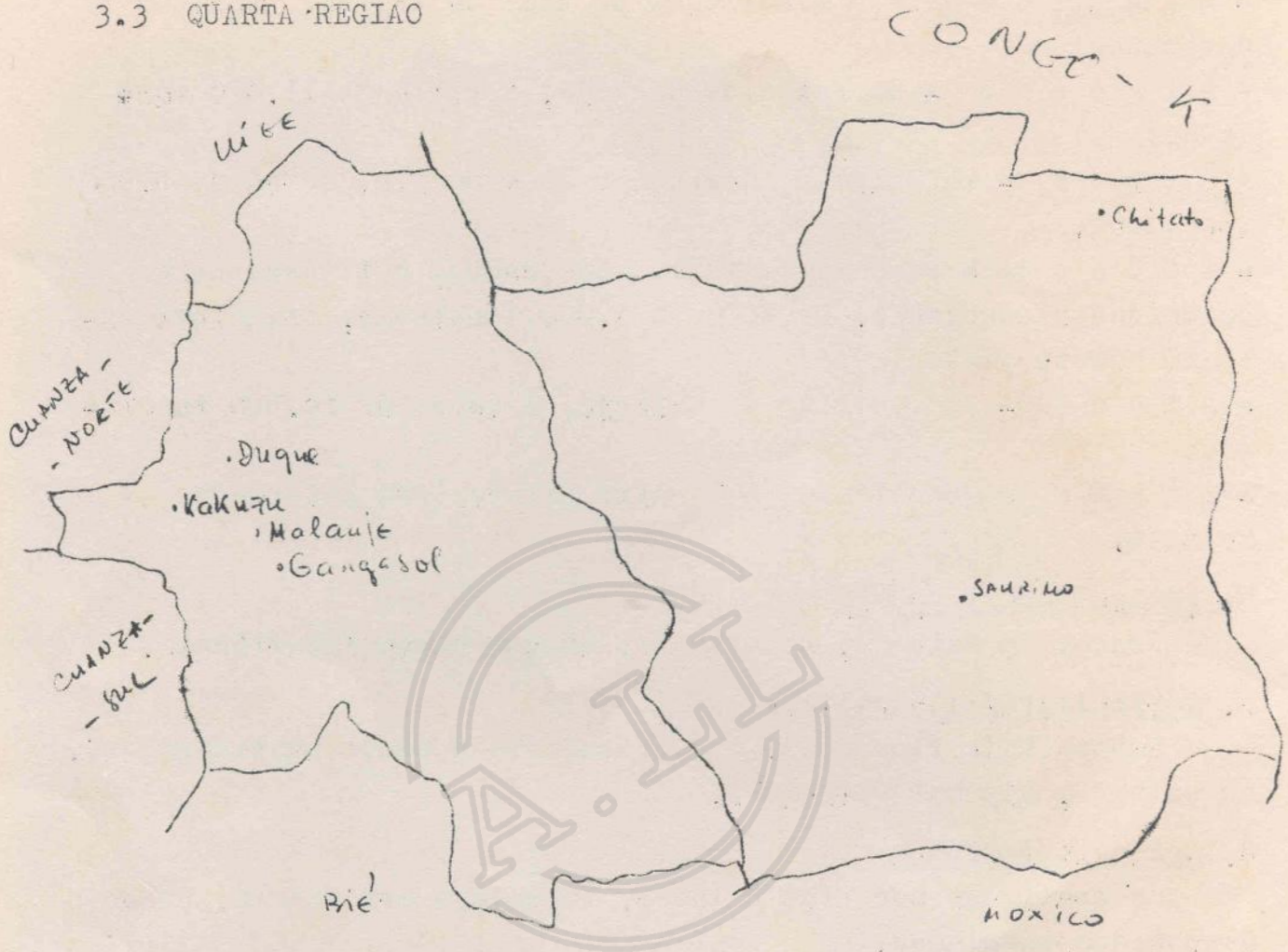
- a) terreno favorável (montanhas e florestas), embora não tão propício como na I Região
- b) número relativamente elevado de quadros
- c) grande densidade populacional
- d) grande afastamento das fronteiras, o que condiciona favoravelmente as populações sob o ponto de vista psicológico, mas tem a desvantagem de dificultar o abastecimento pelo exterior

III. OBJECTIVOS ECONÓMICOS A ATACAR

- a. roças de café do Cuanza-Sul
- b. plantações de sisal e de cana-de-açúcar de Benguela
- c. ramal do Kwima e CF do Amboim
- d. colonatos brancos da Cela, Bié, etc.
- e. minas de ferro do Kwima
- f. centros de criação de gado dos colonos
- g. centros da indústria transformadora, em especial a do Alto Catumbela
- h. estradas
- i. barragens de Lomaum, Biópio e outras; linhas e centrais eléctricas
- j. vários portos de mar
- k. centros pesqueiros de Baía Farta, Benguela e Porto Amboim
- l. linhas e postes telefónicos



### 3.3 QUARTA REGIÃO



A IV Região, que abrange os extensos distritos de Malanje e Lunda, é o nordeste de Angola.

Esta região é um vasto planalto a cerca de 1.000 metros de altitude, ligeiramente inclinado para noroeste.

Numerosos rios sulcam o planalto de sudeste para noroeste, em especial o Kasai e seus afluentes (em que se destaca o Kwango). A Lunda é mesmo chamada a "terra das mil águas".

Numerosas florestas cobrem a região, em especial na Lunda, ao longo dos rios, no seu trajecto mais setentrional.

Ao longo do rio Kwango (que estabelece os limites entre Malanje e a Lunda) o terreno sofre uma depressão, a que se chama "Baixa de Kasanje", fértil território em que se cultiva o algodão e o arroz.



a. Agricultura/Cultivo do solo

- m a n d i o c a - é o alimento de base da região. Produção desconhecida.

- a l g o d a o - na Baixa de Kasanje, à volta de 11.000 toneladas.

- a r r o z - na Baixa de Kasanje e em Kamaxilo. Cerca de 9.000 toneladas.

- t a b a c o - especialmente tabaco escuro, cultivado pelas comunidades angolanas. De 2.000 a 3.000 toneladas, principalmente em Kakuzu (Malanje).

- s i s a l - no distrito de Malanje, à volta de 10.000 toneladas.

- m i l h o - quantidades não muito grandes são cultivadas em Malanje.

b. Agricultura/Pecuaria

Fraca. Em Malanje, no entanto, assume certa importância.

c. Agricultura/Silvicultura

Embora haja florestas, a silvicultura é pouco praticada; há, no entanto, algumas serrações.

d. Agricultura/Pesca

Só praticada nos rios e lagos, em moldes artesanais, pelos camponeses angolanos.

d. Indústria extractiva

As quarenta minas de diamantes de Chitato, no nordeste da Lunda, dominam toda a vida económica do distrito da Lunda. Os seus 26.000 trabalhadores angolanos são na sua maioria "contratados". Este facto exige uma rotação contínua da mão-de-obra (em geral originária da Lunda). Assim se compreende que a actividade da administração colonial do distrito se limitasse quase que exclusivamente à aquisição de trabalhadores forçados. Até ao início da luta armada na IV Região, a vida social da Lunda estava, pois, dominada pela omnipresença da Diamang.

É essencial sabotar a Diamang e as suas vias de acesso, em especial a estrada asfaltada Moxico (Luso) - Saurimo (Henrique de Carvalho) e o seu prolongamento até Chitato.



É certo que a sabotagem das vias de acesso à Diamang não pode impedir a exportação dos diamantes (que são evacuados de avião), mas impede de certeza o abastecimento em alimentação, mão-de-obra e material de produção.

É conhecido que os diamantes são o segundo produto de exportação de Angola.

Em Malanje há ainda as minas de ferro em Saia e Tumbi, donde se extraem à volta de 200.000 toneladas de minério de alto teor.

As minas de manganes da Kitota estão paralisadas.

#### f. Indústria transformadora

Quase inexistente, a não ser pequenas indústrias alimentares na cidade de Malanje.

#### g. Energia

A mais importante das barragens situa-se sobre o rio Luachimo na Lunda (concelho de Chitato), que alimenta a Diamang.

#### h. Transportes

A IV Região é servida pelo CF de Luanda-Malanje, excelente objecto de sabotagem.

Há uma estrada asfaltada Moxico-Saurimo e está em construção a estrada asfaltada Luanda-Malanje.

A rede de estradas secundárias e picadas não é densa.

#### i. Outros sectores de actividade

Os maiores centros comerciais e administrativos são Malanje, Saurimo e Chitato (Portugália).

Há um liceu em Malanje,

Há relativamente poucos quadros, embora a IV Região se situe em terceiro lugar sob este aspecto.

Conclusões praticas:

#### I. FACTORES DESFAVORÁVEIS

- a) concentração relativamente grande de colonos em Malanje
- b) grande força repressiva na Diamang, com a utilização de mercenários portugueses e outros



- c) fraca experiência de guerra do Povo
- d) fronteira com o Congo-Kinshasa
- e) possibilidade de infiltrações "upistas"

## II. FACTORES FAVORÁVEIS

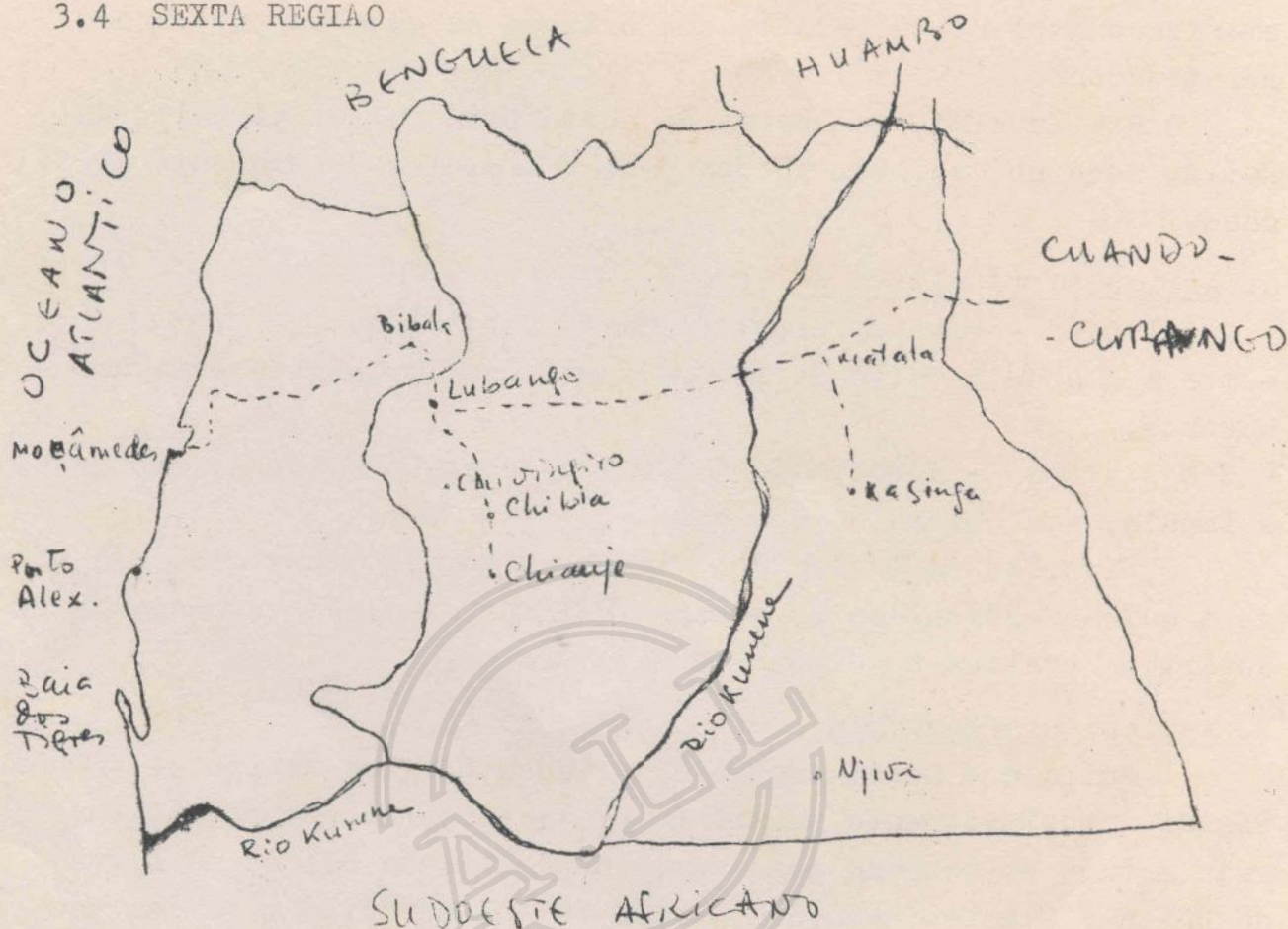
- a) terreno favorável (florestas e montanhas)
- b) numero razoável de quadros
- c) região de grande exploração colonial, onde portanto o ódio do Povo é maior

## III. OBJECTIVOS ECONÓMICOS A ATACAR

- a. Diamang
- b. vias de acesso à Diamang
- c. barragem de Luachimo, central e condutores eléctricos
- d. minas de ferro e manganés
- e. CF de Luanda-Malanje
- f. estradas
- g. indústrias transformadoras de Malanje
- h. plantações dos colonos (sisal, etc.)
- i. linhas e postes telefónicos



3.4 SEXTA REGIÃO



A VI Região, que abrange os distritos de Huila e Moçâmedes é o sudoeste de Angola.

estende-se pela faixa costeira, zona das montanhas e planaltos interiores.

A faixa costeira é totalmente árida - deserto de Namibe - excepto junto dos rios costeiros Bero, Giraul, Curoca e outros que secam no cacimbo. No extremo sul encontra-se o único rio permanente, o Kunene. Junto dos rios pratica-se uma agricultura de tipo mediterrânico (com oliveiras, videiras, etc.).

A zona das montanhas ultrapassa os 2.000 metros de altitude, com a enorme serra da Chela, coberta de matas, excelente para a guerrilha e a sabotagem do caminho de ferro.

Os planaltos interiores inclinam-se para sul. São relativamente secos (prolongam o deserto de Kalahari do Sudoeste Africano). No entanto, a omnipresença do rio Kunene e seus afluentes



ameniza o ambiente e permite uma criação de gado em proporções relativamente elevadas.

O Rio Kuvelai, que corre de norte para sul na planalto da Huíla, seca no cacimbo, perdendo-se nas areias do Sudoeste Africano.

a. Agricultura/Cultivo do solo

- m i l h o - base da alimentação da população.

- t r i g o - à volta de 12.000 toneladas, principalmente em Kakonda.

- t a b a c o - à volta de 4.000 toneladas em Kilenge, Chongoroi e Impula, nos colonatos brancos.

O distrito de Moçâmedes, embora muito pouco povoado, não chega a auto-abastecer-se em géneros alimentícios. No entanto, junto dos rios pratica-se alguma agricultura.

b. Agricultura/Pecuária

A Huíla é o maior centro de criação de gado bovino de Angola. Possui aproximadamente um milhão de cabeças de gado bovino, ou seja metade do rebanho angolano. As populações Helelo da serra da Chela e Ovambo (Kwanyama, etc.) do sul da Huila vivem da pastorícia.

No distrito de Moçâmedes os colonos praticam a criação de carneiros de tipo caraculo

Lubango (Sá da Bandeira) é o primeiro centro da industria de carne.

c. Agricultura/Silvicultura

Quase inexistente.

d. Agricultura/Pesca

A orla marítima da VI Região estende-se por uns 350 km; a corrente fria de Benguela actua benêficamente. Não admira, pois, que a VI Região seja o maior centro de pesca de Angola (200.000 toneladas de pescado anuais). Os portos pesqueiros são Moçâmedes, Porto Alexandre e Baía dos Tigres, que são também centros de transformação do pescado em farinha, óleo, conservas e peixe congelado.



e. Indústria extractiva

Nas importantes minas de Kasinga (Huila) extrem-se anualmente 5 milhões de toneladas de minério de ferro de alta qualidade. É imperioso sabotá-las.

f. Indústria transformadora

Muito pouco importante, limita-se às indústrias alimentares: peixe em Moçâmedes e carne em Lubango.

g. Energia

A barragem da Matala, sobre o rio Kunene, veio dar especial relevo ao problema energético desta região. Matala fornece água e luz a Lubango, Moçâmedes e ao colonato branco da Matala, permite a irrigação de extensas terras deste colonato e exporta electricidade para o Sudoeste Africano.

Os colonialistas portugueses, financiados pelos racistas sul-africanos, projectam a construção de toda uma série de novas barragens sobre o Kunene. Devemos impedir a sua realização.

h. Transportes e Portos

A linha férrea Moçâmedes-Lubango-Menonge é a segunda, em extensão, em Angola. Possui dois ramais: para a região mineira de Kwima e para o Chianje.

É fundamental sabotar esta linha férrea, para impedir a drenagem do ferro de Kwima. Uns grupos de guerrilha instalados na Serra da Chela poderiam realizar esta tarefa com o máximo de eficácia.

A estrada asfaltada Luanda-Huambo prolonga-se até Lubango e daí até ao Sudoeste Africano.

A rede de estradas secundárias e picadas é relativamente pouco densa.

O porto acostável de Moçâmedes e o seu prolongamento, o cais mineiro do saco de Giraul, devem ser sabotados.

O porto de Moçâmedes é o terceiro em importância em Angola. Porto Alexandre e Baía dos Tigres são cais de cabotagem e portos pesqueiros.



i. Outros sectores de actividade

Os maiores centros comerciais e administrativos são Lubango e Moçâmedes (cidades onde o número de colonos é maior do que o número de Angolanos).

A VI Região é o terceiro centro de concentração de colonos, depois da I e V Regiões.

Há dois liceus e uma escola de agricultura, quase que só frequentados por colonos. O número de quadros é muito pequeno.

Conclusões praticas:

I. FACTORES DESFAVORÁVEIS

- a) concentração relativamente elevada de colonos
- b) terreno desfavorável, com excepção da magnífica serra da Chela (grandes "chanas" na Huíla e deserto de Moçâmedes)
- c) mercenários nas minas de Kasinga
- d) as cidades de Lubango e Moçâmedes têm mais colonos do que Angolanos
- e) o Povo ainda não adquiriu a experiência da guerra moderna
- f) fronteira com o Sudoeste Africano, embora aí não se possam formar partidos fantoches
- g) longas linhas de abastecimento a partir do exterior.
- h) poucos quadros
- i) os povos pastores estão menos ligados à terra que<sup>os</sup> agricultores

II. FACTORES FAVORÁVEIS

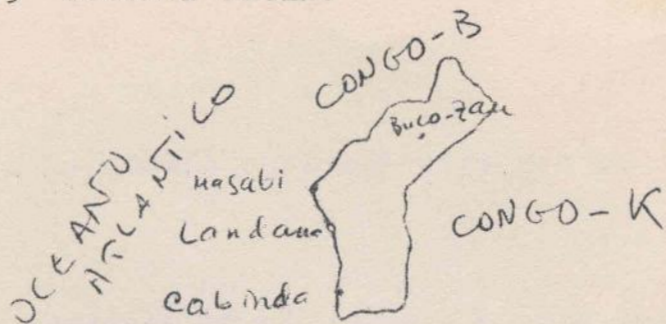
- a) terreno favorável na serra da Chela
- b) tradição recente de guerra, principalmente entre Kwanyamas e Helelo
- c) fragilidade muito grande da economia colonial, baseada nas minas de Kasinga, no gado dos Angolanos e nas contingências duma pesca não científica

III. OBJECTIVOS ECONÓMICOS A ATACAR

- a. minas de Kasinga
- b. caminho de ferro e ramais
- c. barragem da Matala
- d. campos de trabalho para a construção de novas barragens
- e. estradas
- f. centros de criação de gado dos colonos
- g. colonato branco da Matala e outros
- h. linhas e postes eléctricos
- i. linhas e postes telefónicos



3,5 SEGUNDA REGIÃO



A II Região limita-se ao pequeno distrito de Cabinda, separado dos outros distritos por uma língua de terra do Congo-Kinshasa.

A orla marítima, duns 60 km, segue-se a região das montanhas cobertas pela densíssima floresta equatorial do Mayombe.

O distrito é sulcado pelo rio Chiloango e seus afluentes.

a. Agricultura/Cultivo do solo

Na região litoral cultiva-se a mandioca, a palmeira, a bananeira e o ananás.

Nas montanhas, além da mandioca, um pouco de café e de cacau.

b. Agricultura/Pecuaria

Quase inexistente

c. Agricultura/Silvicultura

Cabinda é o primeiro distrito produtor de madeira em Angola. 150.000 metros cúbicos, em 1963, duma madeira de excelente qualidade.

d. Agricultura/Pesca

Pouco praticada

e. Indústria extractiva

Recentemente a II Região assumiu uma grande importância económica com a exploração petrolífera no litoral. Os americanos da Gulf Oil Company pensam extrair 7,5 milhões de toneladas de petróleo em 1971.

Cabinda possui jazigos de fosfatos que não são explorados.



f. Indústria transformadora

Quase inexistente

g. Energia

Não há barragens. Algumas centrais térmicas alimentam a cidade e vilas.

h. Transportes e Portos

Utiliza-se a via fluvial para o escoamento da madeira.

Não há linhas férreas, e a rede de estradas é pouco densa.

Os portos de Cabinda e Lândana não são acostáveis. Lândana (Guilherme Capelo) dificilmente pode dar escoamento à madeira do Mayombe.

i. Outros sectores da actividade

Pouco importantes: pequeno comércio e centro administrativo de pouco relevo.

Não há liceus nem escolas técnicas. Muito poucos quadros.

Conclusões práticas:

I. FACTORES DESFAVORÁVEIS

- a) isolamento geográfico e humano com o resto de Angola
- b) longas fronteiras, com o Congo-K e Congo-B
- c) poucos quadros
- d) tribalismo dirigido pelo bandido Taty

II. FACTORES FAVORÁVEIS

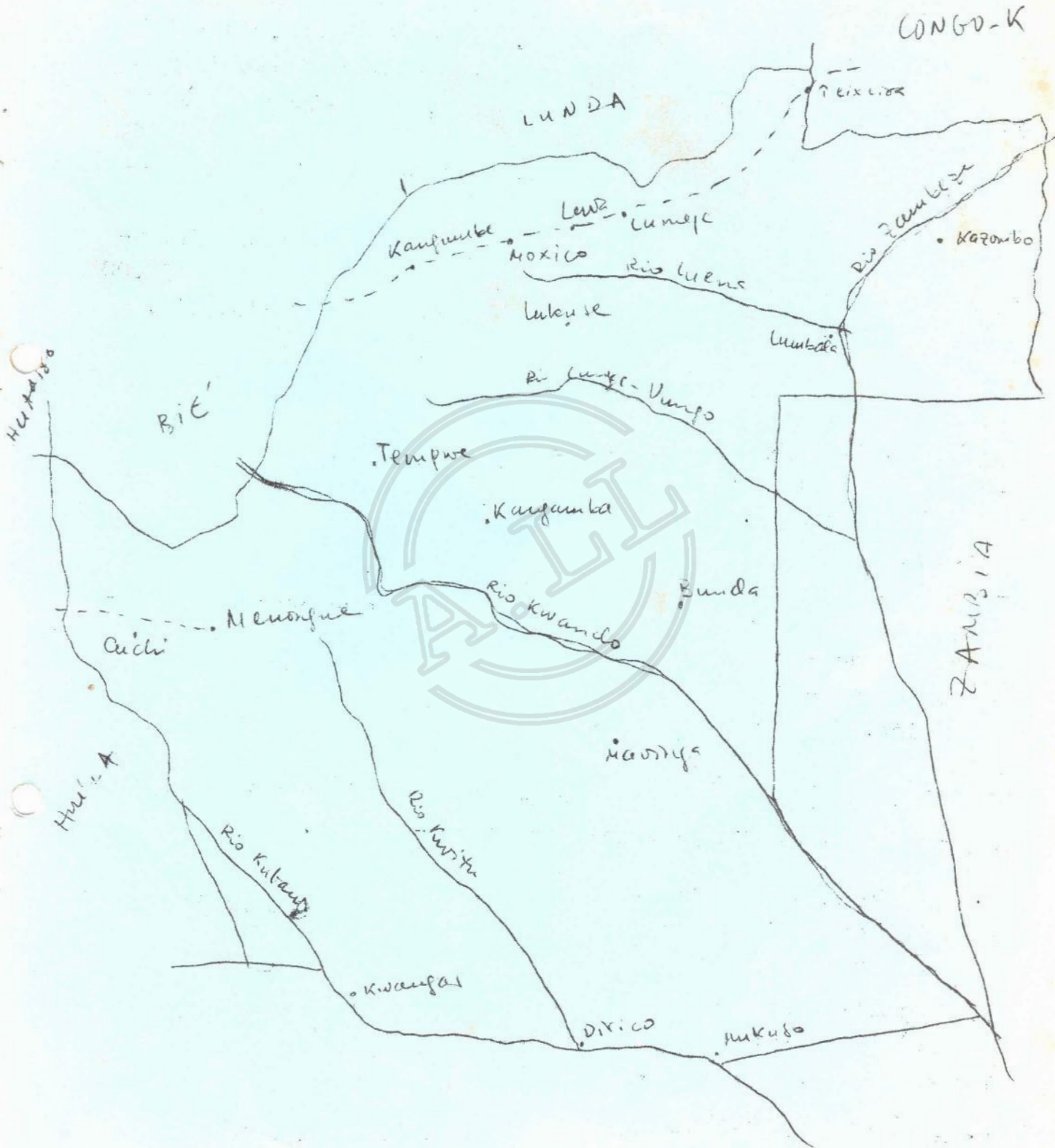
- a) óptimo terreno (montanhas e florestas)
- b) óptima fronteira com o Congo-Brazzaville
- c) abastecimento fácil pelo exterior

III. OBJECTIVOS ECONÓMICOS A ATACAR

- a. poços de petróleo do litoral
- b. explorações florestais
- c. estradas
- d. portos
- e. linhas e postes eléctricos e telefónicos



### 3.6 TERCEIRA REGIÃO





A III Região, que abrange os distritos de Moxico e do Cuando-Cubango, é o sudeste de Angola. Com os seus 400.000 km<sup>2</sup> é a mais extensa das regiões do MPLA: representa um terço da superfície de Angola. Muito fracamente povoada, a densidade é somente de 1 habitante por km<sup>2</sup>.

A III Região é um extenso planalto levemente inclinado para sudeste, em direcção à bacia do Zambeze.

O rio mais importante é o Zambeze, que com os seus afluentes (Luena, Lunge-Vungo, Kwando, etc.) irriga uma area de 150.000 km<sup>2</sup> em Angola. O rio Kubango e os seus afluentes (Kwitu, etc.) irrigam uma area de 153.000 km<sup>2</sup> em Angola.

a. Agricultura/Cultivo do solo

- m a n d i o c a - base da alimentação no Moxico, é também a principal produção. Uma parte é comercializada sob a forma de crueira.

- m i l h o - base da alimentação no Cuando-Cubango

- m a s a n g o - base da alimentação em certas áreas no Moxico e Cuando-Cubango

- a r r o z - produzido para o comércio, cultivava-se na cidade do Moxico, em Lewa e no Muié.

b. Agricultura/Pecuária

Muito fraca no Moxico, torna-se no entanto a principal ocupação das populações Kwangali do Cuando-Cubango.

c. Agricultura/Silvicultura

O Moxico era o segundo produtor de madeira depois de Cabinda. A guerra paralisou as explorações florestais.

d. Agricultura/Pesca

Somente praticada em modos artesanais nos rios e lagos pelos camponeses angolanos.

e. Indústria extractiva

Inexistente, embora o Moxico seja rico em carvão mineral, cobre e ferro e o Cuando-Cubango seja rico em cobre.



f. Indústria transformadora  
Praticamente inexistente

g. Energia

Não existem barragens. Algumas centrais térmicas fornecem energia às cidades e vilas.

h. Transportes

O CF de Benguela cruza o norte do Moxico, mas não pode ser sabotado, por enquanto, pelas razões já apontadas.

Uma estrada asfaltada partindo da cidade do Moxico (Luso) dirige-se para Saurimo.

As estradas secundárias e picadas formam uma rede muito pouco densa.

i. Outros sectores de actividade

Há só duas cidades, Moxico (Luso) e Menonge (Serpa Pinto). Nenhuma delas tem grande importância comercial ou administrativa.

Conclusões práticas:

I. FACTORES DESFAVORÁVEIS

- a) fraca densidade populacional
- b) muito poucos quadros
- c) fronteiras com o Congo-K, SW Africano e Zambia
- d) não se pode tocar - por enquanto- no CFB

II. FACTORES FAVORÁVEIS

- a) poucos colonos
- b) poucas estradas e aeródromos
- c) relativa facilidade de abastecimento pelo exterior
- d) terreno relativamente favorável, especialmente no Moxico

III; OBJECTIVOS ECONÓMICOS A ATACAR

- a. serrações de madeira (as que ainda existirem)
- b. estradas
- c. quartéis e lojas adjacentes
- d. aeroportos
- linhas eléctricas e telefónicas
- f. vilas
- g. CFB (mais tarde)



#### 4. GENERALIZAÇÃO DA LUTA ARMADA

Desde a abertura da Frente de Leste, em 18 de Maio de 1966 o primeiro objectivo estratégico consistia em estender a guerra ao longo da fronteira com a Zambia, com o fim de liquidar a contra-revolução, impedir as suas vias de penetração e criar uma rectaguarda segura.

Em fins de 1968 o nosso Movimento lançou a grande palavra de ordem de "generalização da luta armada por todo o território nacional", definindo assim o segundo objectivo estratégico.

Mas a generalização da luta armada não deve ser feita com igual pressão em todas as direcções. Antes pelo contrário, deve haver direcções privilegiadas, de acordo com a importância estratégica de cada região.

Assim, no momento actual, as linhas de força preferenciais deverão ser:

- 1º) Avançar para a I Região
- 2º) Generalizar a luta na V Região

Os nossos esforços na IV Região devem incidir sobretudo na manutenção duma rectaguarda segura para a I Região e no isolamento e depois ataque da Dianang.

Os principais objectivos da nossa actividade na VI Região deverão ser a sabotagem do CF Moçâmedes-Menonge, isolamento das minas de Kasinga e seu ataque posterior.

Mesmo na I e V Regiões a luta não deve avançar indistintamente em todas as direcções. Aos objectivos apontados atrás deverão corresponder as principais linhas de força da nossa actividade.

Sob o ponto de vista estratégico geral, a III Região aparece como uma extensa e profunda rectaguarda, abrangendo um terço da superfície do país, e que se abre para a IV, V, VI e I Regiões, onde já se encontram objectivos económicos essenciais a atacar e destruir, onde o colonialismo português será mortalmente ferido.

Duma maneira geral deveremos atacar os seguintes centros económicos fundamentais:



- 1º- linhas férreas (excepto CFB, por enquanto)
- 2º- estradas
- 3º- minas
- 4º- barragens, centrais e linhas eléctricas
- 5º- centros da indústria transformadora
- 6º- portos
- 7º- postes e linhas telefónicas

Para a sabotagem de muitos desses objectivos deveremos utilizar em larga medida os próprios trabalhadores angolanos locais.

A razão de ser do colonialismo português em Angola é a exploração económica; não conseguir <sup>do</sup> mantê-la, perderá a guerra.

Os centros de exploração económica em Angola não são mais do que pequenas ilhas isoladas, perdidas na imensidão do oceano angolano. É portanto relativamente fácil isolá-las completamente (cortando as suas vias de acesso), ataca-las e destrui-las. Ve-mos assim que o colonialismo português, embora aparentemente forte, é na realidade bastante vulnerável.

A VITÓRIA É CERTA.

---

NOTA: É evidente que não foram aqui apontados todos os aspectos da luta, nem tal era nossa intenção. Por exemplo, não se fêz referência ao problema fundamental da unidade orgânica do Povo (organizado em torno do MPLA) que a generalização da luta proporcionará.

Neste trabalho não se pretendeu, pois, definir a estratégia do MPLA, mas sim fazer algumas reflexões que talvez contribuam para a sua elaboração detalhada.